



Terra Amada de Liliana Laganà
Giliola Maggio de Castro

RESENHA de: *Terra Amada*, de Liliana Laganà¹. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

A obra da escritora Liliana Laganà representa importante contribuição para a manutenção da memória dos imigrantes italianos no Estado de São Paulo e no Brasil. Com arte e sensibilidade une-se a tantas outras histórias individuais que formam nossa história coletiva.

A coletânea, quase um romance, *Terra Amada* transporta o leitor à viagem existencial da autora. Trata-se de uma autobiografia formada por uma série de contos elaborados numa moldura que retrata a dor da partida da terra natal, a Itália, e a busca da identidade na nova terra, com seus conflitos e reflexões. A narrativa torna o leitor ativo e participante da trajetória autobiográfica dramática e, ao mesmo tempo, da evolução e elucidação dos fatos, complacente com o despertar da memória adormecida.

1. Liliana Laganà, atualmente aposentada, foi docente junto ao Depto. de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. É mestre em Língua e Literatura Italiana e doutora em Geografia Humana pela mesma Universidade. É tradutora e escritora.

Para que um fato do passado possa ser reelaborado, é preciso que, além dos relatos pessoais, a memória individual mantenha fortes elos de contato com as diversas memórias circundantes. E é exatamente isso que Liliana faz: reelabora fatos do passado através de sua memória entrelaçada às diversas memórias de seus entes queridos.

Terra Amada, coletânea de dez contos repletos de simbologia já a partir dos títulos, inicia por “Outubro”, o relato da partida dilacerante da Itália, seguido por “Consolata”, no qual se nota o respeito e o carinho pela *nonna*, cuja língua, incompreensível para a neta recém-chegada de outra região italiana, representava uma barreira, ultrapassada somente no momento da partida de Adami, por meio de uma só frase: “E se ela chorar, na América? Disse *nonna* Consolata” (p. 29).

A língua de *nonna Consolata* torna-se proteção contra o diverso e demonstra, dessa forma, a profunda ligação que há entre língua e lugar, representante, ao mesmo tempo, do isolamento e da resistência às transformações.

Em “Bola de neve” a interação é plena entre tio e sobrinha e, na oralidade de seu relato, oferece ao leitor a visão da geógrafa na voz do narrador quando faz o quadro da evolução desde a mão-de-obra artesanal até a implantação de fábricas e a substituição dos empregados pelas máquinas. É aqui retratado um momento histórico fundamental numa narrativa circular, por meio da qual mostra-se o movimento dos tempos: a evolução e o retorno, do artesanal aos tempos modernos e destes ao artesanal.

“Entardecer” atinge o leitor com o imigrante que se vê obrigado a partir de sua terra natal e aguça os sentidos para entender o novo e o desconhecido através da procura do semelhante, a fim de formar sua identidade.

O olfato, na fala da prima Maria Teresa, revela o quão é significativo esse momento único que remete à sua aldeia na narrativa de sensações de Liliana: “Gosto do cheiro da terra – diz minha prima Maria Teresa – é um cheiro bom, que me faz lembrar tantas coisas, do tempo em que eu morava na minha aldeia, na Calábria” (p. 55).

Em “Viagem Invernal”, o conforto é reencontrado também por meio do contato com a língua, o dialeto local.

Conversamos, todos sentados em volta da mesa, e sinto o coração leve, como se tivesse reencontrado uma doçura perdida no tempo: o frio lá fora, o calor da cozinha, a voz de Bice. Gosto de ouvi-la falar. Em sua boca reencontro o acento do dialeto de Fratterosa, como ficara em minha memória. Sua voz, como antes o som do campanário, parece chegar até mim deu uma distância de sonho. Fecho um pouco os olhos enquanto a escuto, e ouço, em sua voz, o eco de outra voz, de doce sabor de fábulas. (pp. 75-6).

No transcorrer da narrativa sente-se a constante presença de Liliana como geógrafa e sua memória redimensionada através do espaço revisitado. Diante da importância da manutenção dos espaços que significam, remetem e refletem tempos, acumulando tempos vividos, a narradora abre uma fresta no tempo ao leitor e lhe apresenta uma Itália vista de dentro, redescoberta através de sua memória adulta, história reescrita e reeditada:

É interessante: quando voltei a primeira vez, já acostumada ao tempo acelerado e à contínua transformação que se presencia em São Paulo, onde as paisagens são continuamente varridas e redesenhadas no espaço, quase me espantara ao encontrar intato o lugar de minha infância. Claro, havia mudanças no interior das casas, que tinham se tornado confortáveis e modernas, e havia também algumas casas novas, nos arredores próximos. Mas tudo era fundamentalmente igual, numa sincronia quase perfeita entre o lugar real e o lugar guardado tantos anos no coração. (pp. 79-80)

Num movimento constante a autora mostra o quadro das mudanças ocorridas na sua aldeia. A memória, a conservação das coisas, sua descontextualização e sua recontextualização no tempo e no espaço:

– Não existem mais fornalhas em Fratterosa?

– Só tem uma em funcionamento, mas é moderna, mecanizada, e com forno elétrico. E produz objetos de luxo, agora que voltou à moda cozinhar em vasilhames de terracota. E reproduz também todos os antigos objetos de Fratterosa em miniatura, que são usados como peças de decoração... (p. 100)

Pela palavra recupera a memória de seu pai, reconstrói a história individual inserida num contexto maior: passado e presente representam um entrelaçamento de tempos. Viaja para compreender porque o pai deixou a Itália e, por meio da

reconstrução dos fatos e de sua revisitação perpassada pela maturidade, entender o que, à época da imigração, ainda adolescente, não lhe era possível.

Na arte de seu narrar encontra, na voz de seus interlocutores, a expressão ideal para cada situação e lugar. Ao usar termos em italiano, a autora promove uma verdadeira comunhão entre a terra amada e a terra reformulada. *Nonna, nonno, la bottega, mostazzuolo, coppa, zampognari, ciabattino, i carabinieri, i taralli, i lupini, contadino*, dentre outros, são exemplos nítidos de que para certas palavras, no contexto desse romance e de seus momentos, não há possibilidade de tradução. Só tem significado em sua língua materna. A aceção é única e se o termo *taralli* fosse substituído por “biscoitos”, por exemplo, o impacto já não seria o mesmo.

Cada capítulo é um retorno à sua aldeia de origem, ao íntimo desejo de compreender o motivo da partida. São *flashbacks* que abordam com emoção a memória a fim de compor sua narrativa emoldurada pela geografia da aldeia natal, contraposta à cidade de São Paulo de sua chegada e à reprodução do espaço de sua aldeia italiana em solo brasileiro, no sítio em Araçariguama.

Os contos finais formam uma espécie de construção de descobertas e mostram a organização crescente dos sentimentos da autora, como se estivesse reconstruindo seu espaço interior. É o resgate do sabor, em “Como nozes frescas”, é a descoberta do pai através da poesia em “Fuel”, é o resgate da memória através da língua e do reencontro com pessoas caras em “Outono em Montevidéu”, como em tantos outros momentos dessa coletânea. Com “Memórias em trânsito”, o mosaico de sentimentos de *Terra Amada* se completa e a autora atinge o ápice do reencontro consigo mesma e com a paz.

A conquista do pequeno espaço em Araçariguama, onde reconstrói sua aldeia, Fratterosa Itália x Fratterosa Brasil, representa a plena conversão de sentimentos de identidade, reencontro com o passado e sua reformulação da memória e da nostalgia.

Na leitura que fiz de *Terra Amada* não pude e não quis ficar impessoal, tampouco passiva diante do impacto que me causou cada frase lida. Refiz, como numa espécie de catarse, os passos de Liliana, que se tornaram passos de minha mãe e

de meu pai, também imigrantes italianos. Senti suas dores, ri junto com ela e seus entes caros, saboreei cada noz e ouvi cada relato no ritmo ditado pela narrativa. Confesso que foi uma leitura feita de inúmeras pausas para poder compreender por que cada linha me emocionava tanto. A reconstrução que a autora propôs e conseguiu para si mesma atingiu diretamente a mim, como se eu me dispusesse a apaziguar qualquer menção da dor vivida por meus pais e o seu reflexo em mim pela perda da terra amada.